Ano XIX — Lisboa, Março de 1963 — N.º 215

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Que se deve esperar do Escotismo?

De um dirigente escotista que acabara de ser alvo de honrosa distinção por parte da Associação dos Escoteiros de Portugal, disse este jornal tratar-se de pessoa que goza merecido prestígio e da estima de todos que, na vila onde reside, o conhecem.

Quem ler estas palavras e que, por acaso, desconheça a pessoa desta maneira posta em foco, poderá julgar serem meras referências elogiosas de carácter protocolar. Contudo, se alguma vez expressões dessa natureza foram empregadas sem sombra de justificação, de maneira alguma, podemos garanti-lo, o foram desta vez.

Embora o emprego de tão elogiosas considerações a propósito de pessoas que há largos anos fazem parte do Movimento Escotista constitua, para os que militam nessas fileiras, motivo de orgulho e de satisfação, não devem, por outro lado, ser causa de admiração para os que têm conhecimento da poderosa acção educativa do Escotismo. Não há que estranhar que de tão potente motor educativo resultem elementos com positiva influência na sociedade.

Há quem pense que o nosso Movimento é uma instituição cujo fim primordial, senão exclusivo, é o de dar o ensejo de participar em passatempos ou distracções. Outros pensam tratar-se apenas de um meio de organizar tertúlias, mais ou menos inconsequentes se se deixar de atender ao convívio social que viabilizam. Quem sustente esta opinião a respeito do Escotismo está dando prova de um lamentável equívoco e de uma fraca nota dos conhecimentos concernentes a tal matéria.

Se quiséssemos dizer o que é o Escotismo, teríamos de reproduzir simplesmente as palavras de B.-P.: O Escotismo é um jogo. Esta declaração seria, contudo, insuficiente para permitir abranger por completo o alcance desta organização da juventude. Será certamente preferível responder, dizendo, não o que o Escotismo é, mas qual o seu objectivo: aperfeiçoar o carácter do rapaz e torná-lo individualmente mais apto, tanto moral como fisicamente, a prestar com eficiência serviço ao próximo. Por conseguinte, este programa, sem dúvida a espinha dorsal do Movimento, não pode, de maneira alguma, ser confundido com manifestações acessórias que, malgrado o cunho simpático que possuam, não têm a força suficiente para se tornarem a razão de ser de uma organização educativa com propósitos certos e positivos.

Todavia, a forma como o Escotismo realiza o seu programa educativo é que o torna ímpar e inimitável entre as organizações similares. O grande valor do método de B.-P. não está tanto nas intenções que o animam, como nos processos adoptados para atingir esses objectivos.

Noticiaram os jornais há poucas semanas que os responsáveis de um estabelecimento de ensino resolveram, pura e simplesmente, publicar no átrio da escola o nome de um rapazito que furtara algum dinheiro da carteira de um contínuo.

A falta do conhecimento da psicologia do adolescente dá azo, muitas vezes, ao cometimento de erros grosseiros, como este, em matéria de educação. Os articulistas, com este pretexto, não deixaram de zurzir a lamentável decisão dos autores de tão infeliz atentado à educação.

Ponderemos um pouco: em Escotismo como seria tratado um caso idêntico?

Em primeiro lugar, tomar-se-ia em consideração, cómo mandam

——→

Assinantes Patrocinadores

O «Sempre Pronto» tem de ser um jornal de assinatura barata para o tornar acessível a todas as bolsas e para que os Escoteiros o possam assinar sem custo. Mas, com tal assinatura, dificilmente se poderão fazer progressos. Adoptou-se por isso a solução de criar a categoria de ASSINANTES PATROCINADORES, que será voluntária e espontâneamente subscrita por todos aqueles que desejem apoiar a difusão do Escotismo através do «Sempre Pronto». Os Assinantes Patrocinadores pagarão uma quota anual de Esc. — 30$00, em vez dos 20$00 de assinatura ordinária, ou sejam apenas 2$50 de quota mensal e por número. Uma pequena contribuição de que pode resultar uma maior eficiência do nosso jornal e servirá, sobretudo, para expressar simpatia pelo esforço de todos aqueles que dedicadamente servem o Movimento neste sector.

Inscreveram-se na categoria de Patrocinadores, mais os seguintes amigos:

Gerardo de Sousa, antigo Chefe do Grupo n.º 5, que serviu o Escotismo durante muitos anos;

António Pacheco da Silva, de S. Mamede de Infesta, que foi membro do Grupo n.º 15 do Porto.

* * *

Do Sr. António Pacheco da Silva recebemos uma carta de que não resistimos ao desejo de fazer aqui referência, apesar de evitarmos a publicação das expressões de simpatia daqueles leitores que apreciam e compreendem o nosso trabalho. É que este nosso companheiro era guia de patrulha do Grupo 15 quando, em Janeiro de 1945, «Sempre Pronto» iniciou a sua publicação e desde essa data que é assíduo leitor e amigo do nosso jornal. Diz ele:

Da minha parte desde já dou a minha adesão para ser classificado dentro dessa categoria (Patrocinador) e ao mesmo tempo quero cumprimentar e louvar todos os directores pela (...) pois se algumas notícias se sabem sobre o Escotismo em Portugal só ao vosso (nosso) *jornal se deve.* (...)

Agradecemos todas as palavras amigas deste nosso Companheiro, que sem dúvida são fonte de estímulo para o nosso trabalho. Companheiros nossos por vezes se admiram da persistência do nosso esforço em face de tantas incompreensões e dificuldades. É que para nós não contam despeitos. O que conta para nós e nos anima a prosseguir é saber que em 1945 um jovem escoteiro começou a ler «Sempre Pronto» e 18 anos mais tarde, já homem e com responsabilidades, continua a ser um dedicado amigo e leitor. E como o caso que citamos, temos, felizmente, algumas dezenas. A estes amigos é que temos de ser fiéis, correspondendo à sua amizade. E, por isso, persistiremos.

* ● *

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Que se deve esperar do Escotismo?

os cânones, que, com a aplicação de um castigo, não se pode pretender tirar desforço da falta cometida. Em especial quando o visado é um adolescente, a escolha do grau de penalidade não deve ser feita sob a instigação de irritação momentânea, a fim de que a punição se afigure ao culpado como a lógica e normal consequência do delito praticado e corresponda a uma manifestação de justiça.

Em segundo lugar, o verdadeiro educador escotista — e o escoteiro-chefe tem de o ser — procurará levar o delinquente a aborrecer a falta cometida, isto porque as quedas também são úteis experiências para a vida.

No entanto, a acção fundamental do método de B.-P. nesse aspecto seria, indubitàvelmente, o reconhecimento, por parte do rapaz, de que a sociedade que o castigara — o grupo de escoteiros — era uma sociedade onde ele próprio ocupa lugar definido e preponderante, uma sociedade que punindo, se constrange e sofre, uma sociedade que partilha com ele as consequências do infeliz gesto, enfim, uma sociedade que lutará para o erguer, para o reabilitar, para o apresentar perante todos como ilibado de culpa.

Mas a acção do método powelliano ainda assume proporções de maior interesse educativo se nos lembrarmos de que põe à disposição os meios práticos e eficazes para levar o adolescente a promover o seu próprio aperfeiçoamento, através de um sistema aberto a uma actividade intensa que, desencorajando o enraizamento de tendências mórbidas, propiciará o florescimento de um clima de valorização de capacidades, de elevação moral e de afinamento de vocações.

É este o modo como o Escotismo actua na modulação de caracteres, com cuja prática tão bons resultados tem sido possível alcançar.

Educar é a verdadeira legenda do Escotismo. Por isso, como dissemos no princípio destas linhas, não deverá constituir motivo de admiração ou de estranheza o facto de os seus adeptos serem pessoas estimadas e respeitadas por quantos os conhecem. Sejam eles indivíduos de ideias límpidas e de alma nobre, como aquele que serviu de introdução a estas considerações, sejam elementos de espírito conturbado pelas deletérias influências do mundo, como o pobre aluno que furtou algum dinheiro a um contínuo, o Escotismo está apto, ao transmitir-lhes a sua inspiração, a colocá-los na vida com garantias de serem gente com que se pode contar para as boas iniciativas, de serem homens de espírito recto, de carácter verdadeiramente escorreito e de sentimentos sãos.

JOEL RIBEIRO

— CANTINHO DOS MAIS NOVOS —

UM APELO

DE ESCOTEIRO PARA ESCOTEIRO

Vem aí o Verão. Já estamos na Primavera, já começaram as actividades e brevemente começam os acampamentos. Tu, assim como todos os teus companheiros Escoteiros, tens agora oportunidade de mostrar o que vales.

Vocês não são uns rapazes quaisquer, são Escoteiros Portugueses, Escoteiros de Portugal. Por isso, têm que mostrar o que valem, tanto nas acções como nos acampamentos e bivaques, enfim em tudo que diz respeito ao Escotismo.

Eu, assim como vocês, também sou Escoteiro, aliás sou Guia de Patrulha e gostaria que vocês me escrevessem a contar o que fizeram nas actividades escoteiras em que tenham tomado parte.

Escrevam para Escoteiro Luís Filipe Gomes. Redacção do «Sempre Pronto».

Volto a dizer-vos e a rogar-vos que deveis fazer um esforço para elevar o Escotismo Português muito mais alto do que de facto está.

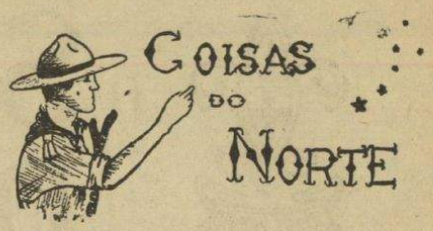
Vamos! Escoteiros Portugueses! Não deixemos ir o Escotismo Português por água abaixo.

LOBO NEGRO

JUBILEU DO ESCOTISMO

A gravura que publicámos no último número foi muito apreciada pelo nossos dedicados leitores Antigos Escoteiros, servindo para recordar velhos amigos. O encontro, segundo informação que nos foi prestada pelo nosso dedicado assinante Sr. Henrique Alves de Azevedo, realizou-se no dia 14 de Janeiro do ano por nós previsto: 1934.

O nosso estimado colaborador sr. Luís Simões Aurélio teve a gentileza de identificar um dos companheiros, cujo nome não soubemos indicar. Em baixo, entre os srs. Prof. Júlio Santos e Dr. Raul Valentim Lourenço, encontra-se o sr. Prof. Dr. João Faria Lapa.



A Região Norte dos Escoteiros de Portugal comemorou o Aniversário de Baden-Powell

Na vasta sala da Associação Cristã da Mocidade, na Rua José Falcão, no Porto, realizou-se no dia 22 de Fevereiro uma sessão comemorativa do aniversário de B. P., à qual assistiram cerca de 200 escoteiros dos Grupos n.os 4, 15, 17, 41, 44 e 91, bem como muitas famílias dos escoteiros, antigos escoteiros e público. A sessão foi presidida pelo sr. comandante Coutinho Lanhoso, delegado dos serviços centrais no Norte; ladeado pelos srs. Irineu Reis Cunha, presidente da direcção do Grupo 4; Aleu Botelho, da direcção da A. C. M., e pelos chefes dos Grupos presentes.

A sessão foi aberta com o hino «É lá!», seguido de um breve discurso do E. C. António Barbosa, após o qual o sr. Irineu Reis Cunha proferiu uma conferência sobre «A vida e a obra de Baden-Powell», na qual fez salientar os objectivos do Escotismo como movimento essencialmente educativo de reconhecida importância na formação moral e cívica da juventude, obra a que o Fundador dedicou inteiramente a segunda parte da sua vida, tecendo com clareza e elegância o perfil biográfico de Baden-Powell.

Os escoteiros entoaram a canção «A Raça», tendo prestado promessa como Escoteiros de Portugal os seguintes aspirantes: Joaquim José Moreira Macedo, Eduardo Moreira Macedo, António Campelo Gomes e António Monteiro Ferreira, do Grupo n.º 4; António Fernando Ribeiro, do Grupo n.º 15; Fernando Carlos Mateus, do Grupo n.º 17; Fausto Tavares e Filipe Tavares, do 44; e ainda os caminheiros José Ferreira Festa e Joaquim Fernando Carvalho, do Grupo n.º 4; José Ramos Leitão, do Grupo n.º 15.

Distribuição de Estrelas de Serviço

Foram também entregues as seguintes estrelas de serviço: Subchefe José Mendes dos Santos, 16 anos; Manuel Francisco de Castro, 13 anos; Raimundo Ferreira, 4 anos; João Figueiredo e Abel Augusto, 2 anos cada; José Rocha e Teófilo Marques, 1 ano cada. Todos do Grupo n.º 15.

Nomeações

Os escoteiros Fernando Oliveira Figueiredo e Ernesto Narciso dos Santos foram nomeados respectivamente Guia da Patrulha Maçarico e Subguia da Patrulha Gato Preto, do Grupo n.º 4. O escoteiro Abel Augusto foi nomeado Subguia da Patrulha Cuco do Grupo n.º 15.

Os caminheiros Norberto F. Barbosa e José Fernando Gonçalves, foram nomeados Guia e Subguia de Equipa «D. João de Castro» do Grupo n.º 4. O caminheiro Teófilo Marques foi nomeado Guia da Equipa «Nuno Álvares» do Grupo n.º 15.

Insígnias de Aptidão

As insígnias de aptidão constituem, sem dúvida, o índice do progresso técnico de um grupo. Nesta sessão foram entregues as seguintes: *sinalagem* a Fernando Figueiredo e Ernesto Santos; *cozinheiro* a Manuel de Sousa, todos do Grupo 4. *Nadador* a Aníbal Lopes e Jorge Santos; *ciclista* a Aníbal Lopes, *cozinheiro* a Carlos Alberto, *intérprete* a Reinaldo Santos e *primeiros socorros* a Manuel Galante, todos do Grupo n.º 17.



ESQUECIMENTO

Ao partir para uma viagem longa, o Inácio verificou que a fechadura de uma das suas malas estava enferrujada. Não havia outra solução senão substituí-la. Como morasse fora de Lisboa, no dia seguinte tomou a camioneta da carreira e foi à capital comprar a outra fechadura.

Assim fez.

Quando voltou, Inácio quis colocar a fechadura. Mas, apesar de todo o seu método, não o conseguiu fazer. Estava ali a mala; a fechadura também não faltava, mas esquecera os pregos que a ligariam à mala. E, assim, no outro dia não teve remédio senão voltar a Lisboa, a comprar os preços.

Ao contar o episódio a Belchior, Inácio julgou que o amigo ficasse vivamente admirado. Contudo, Belchior não experimentou a menor surpresa.

— Pois então você, Belchior, não acha estranho este esquecimento? Uma destas só a mim podia suceder...

— Pois está enganado. Não é só ao amigo Inácio que acontecem essas coisas. A mim, já sucedeu uma no mesmo género...

— Então, conte lá, Belchior.

Ouvido com muito interesse pelo Inácio, o amigo começou a contar:

— Como sabe, estive alguns anos em Timor. Não havia festa ou manifestação que eu não organizasse. Certo dia, em Setembro de 1950, comemorava-se o quinto aniversário da libertação da Província, isto é, da expulsão dos japoneses que, durante três anos, ocuparam aquela linda terra. Ora, um dos números das comemorações consistia numa romagem ao túmulo do engenheiro geógrafo Artur do Canto, que fora vítima dos japoneses.

— Ouvi falar nesse caso. Era administrador do concelho de Díli e foi deportado pelos nipónicos para uma ilha próxima de Timor.

— Sim, para a ilha de Alor. Pois a cerimónia consistia numas palavras ditas pelo Encarregado do Governo, a que se seguiria a deposição de flores no túmulo e um toque de clarim, em que todos, em sentido, prestariam homenagem à memória do grande português.

— Muito bem. E que sucedeu?

— Apareceu o Encarregado do Governo, que não se esqueceu do discurso. Vieram as flores. Compareceram os estudantes das escolas e do colégio-liceu. Mas a cerimónia, apesar de tudo, teve uma falha.

— Ora essa! Não sou capaz de adivinhar em que é que o programa fracassou...

— Não lhe disse que devia haver um toque de clarim? Pois o que esqueceu foi mandar comparecer um soldado que tocasse clarim...

MANUEL FERREIRA

COISAS DO NORTE

Encerramento

Antes de encerrar a sessão, o sr. comandante Coutinho Lanhoso veio junto dos Escoteiros e cumprimentou cada um dos rapazes que tinham prestado Compromisso de Honra, a quem felicitou, distribuindo também as diversas insígnias e estrelas de serviço a que acima fizemos referência, depois do que teve palavras de estímulo e de confiança para todos os Escoteiros da Região Norte. A reunião terminou com o Hino Nacional cantado por toda a assistência.

Esta reunião, que foi este ano a primeira de conjunto dos Escoteiros de todos os Grupos do Porto e Gaia, despertou grande entusiasmo entre todos e significa que o Escotismo no Norte se encontra numa fase de acção de que é lícito esperar um ano de muito progresso.

ESCOTEIROS DE PORTUGAL

EM SERVIÇO MILITAR NO

ULTRAMAR PORTUGUÊS

José Domingos Barão

do Grupo N.º 77

— Faro —

servindo em Nampula

MOÇAMBIQUE

Sabemos que outros Escoteiros se encontram em serviço militar nas províncias ultramarinas. Pedimos a todos os chefes para nos darem a conhecer os seus nomes e colocações.



Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

Festa de passagem de ano

Decorreu bastante animada a tradicional festa de passagem do ano.

Após a entrega à Patrulha «Poupa», vencedora do 1.º trimestre do Concurso «Jubileu do Escotismo Português», de fitas alusivas, e de distintivos e insígnias a diversos escoteiros, prestaram Compromisso de honra os aspirantes Agostinho Miguel Gomes, que passa a fazer parte da Patrulha «Águia» e António Raimundo dos Santos, que ingressou na «Poupa».

A entrada no novo ano foi saudada com canções escotistas, sendo servido um chá aos presentes.

Actividades de campo

O Grupo bivacou em 17 de Fevereiro na mata local para tirocínio de provas de classe e exercício de primeiros socorros, seguimento de pistas e transmissões a distância.

À saída da Sede para esta actividade, o chefe do Grupo fez entrega aos membros da Patrulha «Poupa», por terem vencido o 1.º trimestre do Concurso «Jubileu do Escotismo Português», de 7 facas de mato com a respectiva bainha, recebidos recentemente, oferta do veterano escoteiro e antigo e dedicado dirigente do «60», Sr. Alfredo da Cruz Rodrigues, que na Beira (Moçambique) está a dar activa colaboração ao nosso Movimento.

O ESCOTISMO NA BEIRA -- MOÇAMBIQUE

Um Acampamento no Dondo, nas instalações da Lusalite

Nos dias 26 e 27 de Janeiro passado, realizou-se nos terrenos da Lusalite, no Dondo, em que participaram as Guias de Portugal e os Escoteiros de Portugal daquela localidade, bem como o Grupo do C. N. E. da Beira.

Durante o dia foram realizadas diversas actividades de técnica escoteira, como seguimento de pistas, macas e primeiros socorros, nós, etc. De manhã, celebrou missa o Rev. Padre Ferreira da Silva, assistente do C. N. E.

À tarde, realizaram-se jogos e provas desportivas. Entre estas destaca-se um encontro de hóquei em patins feminino, o primeiro que se disputou em terras de Moçambique e que decorreu no meio do maior entusiasmo e na presença de enorme assistência, que enchia o vasto recinto da Lusalite.

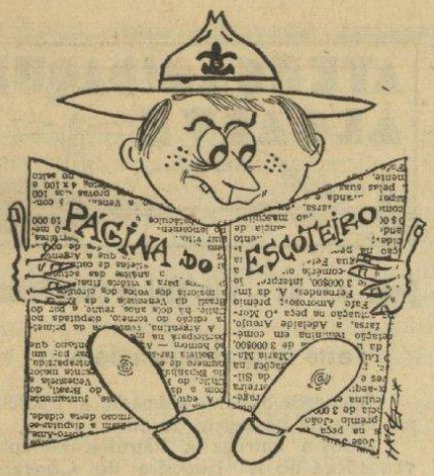
Alinharam as seguintes equipas:

EQUIPA ROSA — Isabel Jardim, Maria Antónia Jardim, Maria Julieta Rodrigues, Lurdes Silva, Leonor Carreno e Lúcia Rocha.

EQUIPA MIOSÓTIS — Maria José Freitas, Maria do Céu Jardim, Maria do Carmo Jardim, Maria Leonor Jardim e Délia Castro.

O encontro terminou com a vitória da equipa Rosa por 3 a 1.

O acampamento encerrou-se com uma festa de campo, durante a qual foram distribuídos diversos prémios constituídos por material e equipamento, que foram premiar as Patrulhas que mais se distinguiram.



Esta página é dos Escoteiros. Não queres escrever qualquer coisa para a tua página?

— Sobre técnica, campismo, jogos, vida das patrulhas, boas acções, exercícios. O que for do teu agrado.

Meu caro Escoteiro:

Estou muito satisfeito por estar recebendo consultas e pedidos de pareceres de leitores escoteiros, que desejam ser esclarecidos. Terei de responder a uma ou duas de cada vez. Mas escrevam sem receio. Esta página é vossa.

Não! não tens razão, meu caro Leão Risonho. O Chefe de Grupo tem autoridade para escolher e nomear o Guia de Patrulha. Todavia, só excepcionalmente deve usar desse direito de maneira absoluta. Mas, quando o fizer, têm de acatar — e devem fazê-lo — as suas decisões.

Normalmente, porém, o Guia deve ser escolhido pelo Conselho de Patrulha, por meio de eleição, e proposto depois ao Escoteiro-Chefe para homologação e nomeação. A Patrulha, ao escolher o Guia, deve ter em vista encontrar o rapaz que seja um autêntico escoteiro, bom companheiro, alegre e jovial, com espírito de iniciativa e entusiasmo. Fujam dos mandões, daqueles que querem fazer tudo e, sobretudo, daqueles que não precisam de aprender porque já sabem tudo.

O bom guia é aquele que está sempre pronto para aprender alguma coisa e que diz sempre: Vamos fazer; nós queremos; nós vamos ganhar. *Este é que deve ser o escolhido.*

Continuo à tua inteira disposição. Saudações do

LOBO VELHO

DAQUI REPÓRTER JUVENIL!

Luís Filipe Gomes, o nosso repórter juvenil, continua a dar aos jovens leitores apontamentos da vida escotista dos velhos lobos. Deste modo, entrevistou Armando Lino, ex-chefe do Grupo n.º 53. Ouçamos pois as declarações:

— Chefe: Poderá dizer-me quando ingressou no Movimento e a data da sua promessa escoteira?

— Entrei para o Movimento há precisamente 30 anos e fiz o meu compromisso no dia 1 de Dezembro de 1933.

— Quando lhe foi concedida a Medalha de Mérito, classe ouro, ficou espantado, surpreso ou já esperava esta homenagem dos seus rapazes?

— Já tinha conhecimento de que me iam entregar a medalha. Apenas fiquei surpreendido quando tive conhecimento da proposta da Direcção do Grupo à Direcção Regional para que esta me entregasse a condecoração.

— Antes de ser escoteiro - chefe do Grupo 53 já tinha pertencido a outra unidade escotista?

— Não! Pertenci sempre ao 53, assim como os meus filhos.

— O Chefe continuará a ajudar no que puder os rapazes do seu grupo ou desligou-se completamente da actividade?

— Desliguei-me completamente por motivos de saúde.

— Para finalizar, desejava ouvir do chefe algumas palavras dirigidas aos Escoteiros.

— Desejava que de facto os escoteiros da actualidade não praticassem o escotismo só quando andassem fardados, mas sempre assim como toda a Lei criada por B. P.

— E pronto, Chefe, aqui acaba a nossa conversa. «Sempre Pronto» agradece-lhe o obséquio que teve em responder às nossas perguntas e mais uma vez em meu nome, em nome do «Sempre Pronto» e de todos os rapazes escoteiros, o felicito pela justiça que lhe foi prestada com a entrega da condecoração.

LOBO NEGRO

MARCO DO CORREIO

P. — Em que data e com que idade faleceu B. P.?

— Em que acampamento foi B. P. aclamado chefe mundial?

— Onde se encontra o túmulo de B. P.?

L. M. — 15 anos

R. — B. P. faleceu a 8 de Janeiro de 1941, com quase 84 anos.

— Foi no 1.º Jambori, realizado em Olímpia (Inglaterra) em 1920.

— Na África, em NIERI, no Quénia.

É assim que o Chico Patatenra aprende

— Acalma-te, Chico, que isso vai passar já — e desta maneira o Guia dos Águias começou a falar ao Patatenra da patrulha, que estava com um forte ataque de soluços, consequência de ter jantado muito à pressa.

— Vá, Chico, respira profundamente e retém a respiração o tempo que puderes.

Por momentos ouviu-se o inspirar violento do paciente. Repetida três vezes a operação, começou o nosso herói a notar sensível melhoria, até que ao fim de pouco tempo os soluços cessaram.

— Que alívio! — exclamou satisfeito o nosso amigo patatenra — estava a ver que morria. Olha se não estás aqui!

— Andaste com sorte — retorquiu o guia — porque os soluços passaram logo com esse tratamento.

— O quê?!... Este não é o único?

— Não há pròpriamente um tratamento especial. Se esse não desse resultado tentaríamos outro.

— Então diz-me já quantos conheces para eu ficar a saber — perguntou interessado o Chico.

— Toma nota: Poder-se-ia beber água fria, prendendo a respiração. Se por acaso não resultasse, gargarejava-se com água fria ou quente durante um ou dois minutos. Um bom remédio, também, é exalar para dentro de um cartucho de papel ou de plástico durante alguns minutos. O ar respirado (bióxido de carbono) faz parar o ataque.

— Parece-me que não têm fim os processos para atalhar os soluços! — cortou o Chico.

— Bom, não é bem assim. Alguns casos são renitentes e, se demorarem mais de uma hora, deve chamar-se o clínico.

— Já agora — continuou o guia — ensino-te como se trata o soluço das criancinhas.

— Fazes bem — opinou o nosso amigo patatenra — porque tenho de tomar conta do meu mano.

— Eu também sei isto porque via a minha mãe tratar da minha irmãzinha e o escoteiro é bom observador. Primeiro é preciso verificar se o bebé está molhado, o que pode provocar os soluços. Se não é este o caso, então procura-se fazê-lo arrotar dando-lhe palmadinhas nas costas. Se os soluços não passam, dá-se-lhe a lamber um colher humedecida em água e polvilhada de açúcar.

— Se o meu irmão descobre que lhe dão açúcar a lamber quando tiver soluços, não quer outra coisa! — opinou o Chico a rir.

E foi assim que terminou o encontro na Sede dos entusiastas «Águias».

ÁGUIA SABICHÃO

ATENÇÃO

A partir do próximo número, publicaremos «A vida de BADEN POWELL», biografia compilada pelos escoteiros Luís Filipe Gomes e Rui Horácio Macedo, ambos de 14 anos.

Este trabalho é dedicado a todos os escoteiros juniores que começaram com as provas de 2.ª Classe.

PEQUENA CRÓNICA DE LISBOA

O AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

Quando, ao falar ou escrever sobre Arte Portuguesa, se evoca o período joanino do Rei Magnânimo durante o qual o ouro e os diamantes provenientes das minas do Brasil prodigalizaram a D. João V a ostentação duma faustosa corte e os gastos avultadíssimos em obras de arte, algumas de sumptuoso porte e riqueza, logo ao nosso espírito ocorre a grandiosidade do Convento de Mafra, as magníficas salas da biblioteca da Universidade de Coimbra, a riquíssima capela de S. João Baptista, na Igreja de S. Roque, em Lisboa, e, também nesta cidade, o imponente Aqueduto das Águas Livres.

É desta última construção, a um tempo monumental e utilitária, que nos ocuparemos na nossa pequena crónica de hoje.

Foi dia de festa grande para Lisboa aquele de 30 de Outubro de 1748 em que o povo da cidade viu correr a água que jorrava abundantemente nas Amoreiras, término do Aqueduto, cuja construção fora iniciada em 1732 e para a qual, não obstante tanta riqueza, o bom povo de Lisboa pagara pesados tributos que anteriormente lhe haviam sido lançados.

Desde os primórdios da conquista, beber ou gastar água, fora durante gerações sucessivas quase um luxo, tal a falta do precioso líquido com que sempre a cidade se vira assoberbada. Lutava-se nos chafarizes para se conseguir uma quarta de água e, quando no tempo do Mestre de Avis os castelhanos puseram cerco à cidade, a sede flagelou aflitivamente os sitiados que viram secar as fontes.

Centenas de anos ainda tal escassez afligiria o lisboeta de tal modo que, em pleno século XVI, Francisco de Holanda, notável pintor, arquitecto e escritor, chamava a Lisboa a «cidade da sede». Roubava-se água e a tal ponto as coisas chegaram que, em 1611, o Senado da Câmara taxou a sua venda com o louvável intuito de evitar especulações.

Datam de D. Sebastião as primeiras providências para debelar tão cruciante situação, as quais, no entanto, só viriam a concretizar-se cerca de duzentos anos mais tarde, reinando D. João V.

Podemos, pois, imaginar o intenso júbilo das gentes alfacinhas naquele festivo dia de Outubro de 1748.

Das Águas Livres se chama o Aqueduto que na sua total extensão, desde Caneças até às Amoreiras, mede dezanove quilómetros, trazendo a Lisboa as águas da nascente das Águas Livres, perto de Carenque, as quais, em vistosa cascata se despenham na Casa das Águas, nas Amoreiras, num vastíssimo tanque que alberga 5 500 metros cúbicos de água, medindo 7 metros de altura. É desta monumental Mãe de Água que partem, nos mais variados sentidos, as numerosas galerias subterrâneas, que abastecem os chafarizes espalhados pela cidade.

Integrados no conjunto fisionómico de Lisboa, os formosos trinta e cinco arcos, que arrojadamente se lançam sobre o vale da antiga Ribeira de Alcântara, unânimemente considerados pelos estrangeiros que nos visitam como dos mais belos do Mundo em construções semelhantes, constituem a parte monumental do Aqueduto mais familiar ao olhar dos lisboetas.

São eles devidos ao risco do notável engenheiro Manuel da Maia, sendo 21 de volta perfeita e 14 de volta quebrada (ou arco ogival) ocupando uma extensão de cerca de 950 metros.

Destes arcos, o maior de todos, designado por Arco Grande, mede aproximadamente 70 metros de altura, contando 34 metros de largura na sua parte mais aberta.

No pavimento superior corre ao centro em largas caleiras a água, caleiras estas ladeadas de ambos os lados por amplos passeios transitáveis, denominados Passeio dos Arcos, do alto dos quais se vislumbra magnífico panorama, a um lado o Viaduto de Duarte Pacheco, este, e os Arcos, como que assinalando duas épocas distintas da engenharia portuguesa, e do outro, à ilharga, a velha Calçada dos Mestres, cujo nome lhe vem de aí terem sido as residências dos Mestres das Águas Livres.

Termina o Passeio dos Arcos no Alto da Serafina onde a galeria deixa de ser à superfície. Notável é também o conjunto de Arcos que, partindo da Casa das Águas, nas Amoreiras, corre ao longo do jardim e rua do mesmo nome e de cujo conjunto se destaca o elegante Arco das Amoreiras, magnífica peça escultórica ornada de motivos de ordem dórica no alto da qual se notam, uma de cada lado, duas lápides alusivas à construção do Aqueduto e em memória de D. João V.

Um nome, porém, ficou para sempre ligado à história desta notá-

Pág. 7 ——→

Um credo para a Cruz Vermelha

PELO CARDEAL FRANCISCO SPELLMAN

Creio na obra de misericórdia.

Onde quer que me chame a desgraça, lá irei para aliviar o sofrimento.

Não pergunto quem me chama, mas apenas onde serei necessário.

Não peço remuneração pelos meus serviços; aceito apenas a gratidão para que, pela sua generosidade, eu possa alargar a minha missão.

Não confeço barreiras de raça, de classe, de credo, de nacionalidade ou de ideologia, nem obstáculos de rios, montanhas, continentes ou mares.

Onde quer que seres humanos se encontrem em necessidade, lá irei, para acudir à miséria, sob a minha bandeira de fraternal amor.

Um terramoto em Tóquio, um tufão na China, o tifo na Ásia, um desprendimento de terras no Chile — tudo é o mesmo para o meu coração. Uma epidemia no Alasca, a fome na Grécia, as devastações das moléstias, dos fogos, das inundações na América — todas estas emergências me encontram prontamente ao seu serviço.

Não confeço distinções entre Francês e Inglês, Russo ou Grego, Italiano ou Alemão, Checo ou Polaco — a todos sirvo porque sou de todos, porque nasci dos mais altos instintos humanos, da fé em Deus e na missão redentora do seu Filho, simbolizados na minha CRUZ e do amor misericordioso para com todos, proclamado na sua cor de sangue.

Vós, que acreditais em mim, fortificai o meu braço e reanimai a minha coragem, pois que sou o espírito humanitário que caminha sob a CRUZ.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Doentes — Tem estado internado no Hospital da Marinha onde foi submetido a uma operação cirúrgica, o sr. António Sérgio da Silva, pai do nosso assinante e amigo sr. Fernando Laranjeira da Silva.

● O nosso estimado amigo e assinante sr. Walter John Westwood já saiu da clínica onde esteve em tratamento, encontrando-se em convalescença.

● A esposa do nosso dedicado assinante e amigo sr. José Marques Serrano, antigo chefe do Grupo 40, de Setúbal, que tem estado muito doente nos dois últimos meses, encontra-se agora passando um pouco melhor, o que dá esperanças de breve restabelecimento.

* * *

A todos os doentes expressamos a nossa simpatia e votos de boas melhoras.

TERTÚLIA DO CHEFE

Fundamentos do Método Escoteiro

COORDENADOS PELO ENG.º J. M. NOBRE SANTOS

Quais são os princípios essenciais do Escotismo? Necessidade da divulgação e explicação

Os princípios básicos foram estabelecidos em relação ao Movimento, que inicialmente se criou para os rapazes com idade entre os 11 e 18 anos. As extensões do esquema, que houve necessidade de fazer para abranger os rapazes mais novos e os mancebos, não afectaram a importância da ideia central à volta da qual o Movimento, no seu todo, se tem desenvolvido. As questões de organização não são fundamentais, a não ser a que B. P. advogava em relação à necessidade de descentralização.

A necessidade dos considerandos que se explanam a seguir resulta do facto de alguns dos princípios do método escotista poderem ser encontrados no desenvolvimento das mais diversas actividades, em combinações várias e em formas diversas do treinamento do rapaz. Para que se faça bem a destrinça desses princípios fundamentais, que distinguem o Escotismo de todos os outros Movimentos, vamos procurar pô-los em evidência.

Da perda de uma ou mais dessas características fundamentais resultará um Movimento diferente do formulado por B. P. no «Escotismo para Rapazes» (1908) e explanado e desenvolvido por ele em livros e discursos que publicou ou fez depois.

O próprio B. P. sentiu a necessidade de explicar e chamar a atenção para estas ideias, pois muitos Chefes-Escoteiros não compreendiam por vezes, as aplicações práticas dos princípios, ou então concentravam-se na aplicação dum só aspecto, arriscando-se a falhar, pois só o conjunto desses princípios formam um todo harmónico.

É preciso, por isso, ouvir o que o Fundador disse aos que o seguiram de perto, como resultado das suas próprias experiências.

À nova geração, que já não conheceu directamente B. P. e está levando avante a sua tarefa, é necessário e indispensável também compreender completamente o que ele ensinou.

Os propósitos do Escotismo

Objectivos principais

No fim da sua vida, B. P. resumiu esses objectivos, nas seguintes palavras:

«Durante o treinamento dos nossos Escoteiros não percamos de vista os mais altos objectivos; não nos deixemos absorver e emaranhar nos pormenores de somenos importância».

«Não deixeis que o aspecto técnico sobrepuje o moral. Eficácia no campo, trabalhos de sapa, pioneirismo, campismo, excursões, boas acções, jamboris, camaradagem, etc., são tudo meios e não o objectivo final e essencial.

«O objectivo máximo é o *Carácter* e este com um só propósito.

«E esse propósito é o de obter uma próxima geração saudável mesmo num mundo insano, e desenvolver um alto espírito de Serviço; serviço activo de amor e de Dever para com Deus e os seus semelhantes» (1939).

Carácter

Esta era uma palavra que B. P. usava constantemente quando expunha os objectivos do Escotismo. Que queria ele significar com ela? A resposta pode ser dada com as suas próprias palavras escritas em 1913 a propósito da explanação das funções educativas do Escotismo.

«...a educação dentro de elevados ideais, na confiança em si, no senso do dever, na fortaleza do espírito, no respeito por si próprio e em relação aos outros, estes atributos são, numa palavra, os que fazem aumentar o *carácter*».

Este propósito não é peculiar só ao Escotismo, há outras organizações e movimentos que o têm, embora o espírito e os métodos empregados no Escotismo para o obter sejam muito peculiares e distintos.

O Espírito do Escotismo

A essência do espírito escotista deve ser encontrada na Promessa e na Lei dos escoteiros.

A promessa ou juramento

Os rapazes fazem por sua livre vontade a promessa de pela sua honra servir a Deus, o seu País e os seus semelhantes. Este serviço é indicado na Lei Escoteira.

Deverá notar-se que a Promessa é tomada voluntàriamente. Se algum género de acção compulsiva, por pequena que seja, é exercida para levar o rapaz ao Escotismo, a sua Promessa pode não vir a ter qualquer força moral, perdendo assim a sua função. De facto, se ele escolheu livremente essa decisão, então sente sobre si uma responsabilidade pessoal que lhe dá uma grande força.

Por outro lado, note-se que a Promessa é feita começando o rapaz por dizer: «*Por minha honra*». Este facto chama a atenção para, a preocupação que B. P. teve, e todos nós devemos continuar a ter, de que era da máxima importância o desenvolvimento no rapaz do sentido da honra. Acerca deste, B. P. escreveu: « disso depende o comportamento e a disciplina do futuro Escoteiro». O método para incutir no rapaz esta virtude básica, indispensável à sua vida e ao seu desenvolvimento, nem sempre é suficientemente apercebido e compreendido, e não deve ser o de lhe ordenar que assim proceda ou seja, mas tratando-o como um ser responsável em quem se pode depositar confiança. Este método de actuação baseia-se num princípio psicológico de que a confiança dispendida chama mais confiança e quanto mais confiança o rapaz tiver em si próprio, e nós nele, melhor e mais rápido será o desenvolvimento da sua honra e da sua personalidade.

Um outro ponto importante é o de B. P. ter incluído no Compromisso a sentença «farei o melhor possível por» como palavras de abertura da Promessa. Ele sabia quanta grandeza e dificuldade há em cumprir integralmente a Promessa e a Lei, não sòmente para um rapaz, mas em relação a todos nós. Por isso, preferiu deliberadamente marcar a obrigação da promessa até um nível tal que o novel escoteiro possa sentir que quanto mais árduo for o seu trabalho e grande a sua responsabilidade, mais se deverá esforçar para fazer o melhor que puder, e só com este pensamento poderá estar certo de ter compreendido a promessa feita; se realmente assim fizer, em cada passo da sua vida, então, estará progredindo, pois que sempre poderá ir fazendo melhor em cada dia que passa, visto maiores serem sempre as suas possibilidades.

(Continua)

Um Escoteiro na Guiné

"SERVINDO ALEGREMENTE..."

O «Jornal de Sintra», no seu número de 10 de Fevereiro passado, refere-se à juventude que se encontra servindo na gloriosa Aeronáutica Militar Portuguesa em terras do Ultramar «com o seu sangue jovem e generoso, em permanente vigília ao serviço da Pátria». E acrescenta:

E um deles é o tão conhecido Fernando Sérgio Laranjeira da Silva, que toda a Sintra e seu concelho conhece.

Alegre e folgazão, coração generoso, bom moço, faz parte dessa equipa magnífica — e heróica — que é a Aeronáutica Militar Portuguesa.

Ele está em serviço, há muitos meses, na Guiné, terra ardente e de mil encantos; veio rever a sua freguesia: S. Pedro de Penaferrim.

Veio em romagem votiva, para beijar seus pais e abraçar seus admiradores e amigos. Ele vai casar. A noiva, sua futura mulher, é de Cabo Verde, filha de europeus há muito radicados naquela (Guiné) adorável parcela de Portugal.

Eu não o sabia no Continente. Encontrámo-nos fortuitamente num dos restaurantes sintrenses e, durante a refeição em conjunto, conversámos.

Milagres de boa Vontade

(...) E o velho amigo Laranjeira, com aquele ar vivo e agaiatado que lhe é peculiar, relata-me um verdadeiro milagre de boa vontade.

Eles andam muito no ar. Voo para aqui, voo para ali. Quando chegam a terra, necessitam de distrair-se. É natural, necessário — e humano.

A «malta fixe» (sargentos, cabos e soldados) não tinha um «bar» capaz. O que havia era um barracão sem condições algumas. O balcão era constituído por sarrafos de madeira e velhos caixotes.

Tinha de se pôr cobro àquilo, que os envergonhava perante os olhos alheios... Reunidas as «cortes», a «malta», com boa vontade, cheia de «genica», fazendo das tripas coração, conseguiu construir um «bar» que honra Bissau — e a instituição.

Tem balcão frigorífico, vasta sala, excelente serviço, óptimas bebidas, magníficos sanitários. Numa palavra, o milagre deu-se e muito contribuiu para isso a equipa sintrense e o amigo Laranjeira.

No dia da inauguração foi o delírio. Esteve presente o governador substituto e a fina flor de Bissau. Muitas senhoras deram beleza à cerimónia.

Amigo Laranjeira fez discurso, agradeceu todas as atenções dispensadas por várias entidades para que aquele melhoramento fosse uma consoladora realidade. Agradeceu a boa vontade, compreensão e ajuda dos comandantes, srs. tenente-coronéis Durval e Fernandes, que muito contribuíram para aquele necessário e útil melhoramento.

A inauguração foi um êxito. A esposa do governador substituto concedeu a honra ao dinâmico Laranjeira para abrirem o baile; e a noiva deste dançou com o comandante, tenente-coronel Fernandes. (...)

O «Jornal de Sintra» conclui depois de anunciar que outras iniciativas estão em curso e desejar muitas felicidades ao Fernando Laranjeira. Os nossos estimados Leitores, que conhecem o Fernando Laranjeira, não necessitam que façamos a sua apresentação. Os restantes também já perceberam, pelo retrato traçado por aquele jornal, que estão na presença de um Escoteiro. O espírito de iniciativa, o entusiasmo, a generosidade, a camaradagem, a força vontade, são exactamente aqueles atributos que se adquirem na prática do Escotismo. De tudo isso o Laranjeira dá boas provas porque foi escoteiro dedicado do Grupo 93 de Sintra, onde teve uma actividade intensa e onde treinou as suas aptidões. Fez parte da Delegação de Portugal ao Acampamento Internacional de Patrulhas, de S. Paulo, Brasil, e nos Escoteiros de Portugal todos conhecíamos o Laranjeira como um dos rapazes mais alegres e entusiastas de Sintra.

* * *

O Escoteiro Fernando Laranjeira consorciou-se em 21 de Fevereiro passado, em Bissau, Guiné, no Aeródromo Base 2, onde se encontra prestando serviço, com a Sr.ª D. Maria Isabel Nogueira de Carvalho, tendo-lhe sido enviado um telegrama de felicitações pelo Secretário-Geral da A. E. P.

«Sempre Pronto» felicita igualmente o seu irmão escoteiro e deseja aos noivos muitas venturas pessoais.

CANÇÕES ESCOTEIRAS

No Rádio Clube Português

No sábado, dia 16 de Março, à noite, aos microfones de Rádio Clube Português exibiu-se um coral de marinheiros alemães do cruzador-escola que se encontrava entre nós. O grupo entoou quatro canções, duas delas escoteiras, acerca das quais o locutor fez a seguinte apreciação:

«Quando nos acampamentos ou nos fogos de conselho, os jovens escoteiros, vivendo a vida plena da natureza, têm esta canção sugestiva que ides ouvir:

Quando as bandeiras flutuam ao vento...

A segunda canção foi assim apresentada: «Quando os jovens escoteiros de todo o mundo se encontram nas suas reuniões periódicas de confraternização da juventude, fazendo amizades, quantos deles desejariam voltar a encontrar-se? Eis pois o título da canção que ides ouvir. pergunta que tantas vezes fica no ar.

Companheiros, quando voltaremos a encontrar-nos?»

Terminou assim com a «Canção do Adeus» este programa coral dos marinheiros alemães em Rádio Clube Português.

É BOM SABER...

Um escudo de protecção para a polícia

A «Scotland Yard» tem andado em experiências com um escudo enchumaçado, imaginado por um polícia de Londres, para ser usado quando se tiverem de haver com quadrilhas perigosas.

O escudo, feito de crina revestida de borracha, tem provado com êxito segundo o critério do Departamento de Investigações da «Scotland Yard. É à prova de facas, garrafas partidas e de cassetetes, e é um dos novos inventos e estratagemas que fazem parte de uma série que está a ser organizada e experimentada por aquele departamento.

FILATELIA

Aniversário da Secção Filatélica da Fraternal

No último 23 de Fevereiro, passou o V aniversário da Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros Portugal. Aproveitou-se para comemorar a efeméride o jantar desse dia, tendo-se reunido os srs. Alfredo Jorge Gallis, António A. S. Cunha e seu filho, o Escoteiro José António; Cosme V. Leitão e esposa, Eduardo Quintino, Ernesto C. Nascimento e esposa, Ernesto de Sousa, Dr. Eugénio H. Ramos e esposa, Humberto Martins e esposa, João Henrique P. Soares, José Dionísio dos Santos, esposa e dois filhos, José Vasques Filipe, Luís António Santos, esposa e nora, Luís Simões Aurélio e esposa, D. Maria Luísa Esteves Pereira, esposo e neta, Rego Correia e esposa, Wolfgang Karl e ainda dois convidados, num total de 32 pessoas.

O companheiro Sr. Albano da Silva enviou um cartão felicitando e justificando a ausência por motivo de doença do seu filho.

Após a refeição, o dirigente da secção Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento fez um relato das principais actividades filatélicas desde o começo da secção e terminou entregando ao Presidente da Direcção da Fraternal, Sr. Dr. Eugénio H. Ramos, a medalha comemorativa da 2.ª Exposição Nacional do Selo Escoteiro.

A Secção editou um postal com um carimbo especial para assinalar a passagem do 5.º aniversário, que todos os interessados poderão adquirir na sede. Além destes postais, a secção tem à disposição dos interessados sobrescritos do primeiro dia e cromos com carimbo do primeiro do selo escoteiro do C. T. T. Os cromos a que nos referimos são editados pelo nosso jornal. A sede da Fraternal encontra-se aberta para este efeito todas as quartas-feiras, das 21.30 às 23 horas.

Novas Emissões

Estão anunciadas para este ano as seguintes emissões: Uma série de selos da Grécia, comemorativa do Jamboree Mundial dos Escoteiros. Um selo pela Suíça, integrado numa série de que constam outros selos.

A anunciada emissão escoteira da Bélgica comemorativa dos 50 anos do escotismo naquele país foi adiada, não se publicando já este ano.

O Aqueduto das Águas Livres

← Pág. 5

vel obra. É ele o de Gorgel do Amaral, homem de larga visão que, ao tempo, era no Senado da Câmara o procurador da cidade, e a quem se deve a iniciativa da obra que encontrou em D. João V todo o amparo e entusiasmo tornando-a uma realidade. A edilidade municipal deu, e muito bem, o nome de Gorgel do Amaral a um dos novos arruamentos que, há cerca de uma dezena de anos, foram abertos nas vizinhanças das Amoreiras.

Luís Simões Aurélio

PERFIL BIOGRÁFICO DE MANUEL FERREIRA

Por ocasião do falecimento do nosso saudoso colaborador e querido amigo, o escritor Manuel Ferreira, pedimos para Timor apontamentos biográficos para publicação. Em virtude de dificuldades ocasionadas pelo mau tempo que então atingiu a Europa e estorvou as viagens aéreas, só agora chegaram as informações pedidas, pelo que a notícia que demos aos nossos leitores se limitou aos elementos de que dispúnhamos.

Não podemos, no entanto, deixar de arquivar nestas colunas alguns dos apontamentos que nos chegaram porque revelam os dotes de carácter de Manuel Ferreira, o seu amor às letras e à investigação histórica, bem como o admirável zelo e extrema dedicação com que desempenhou as inúmeras funções públicas em que foi investido.

Manuel Ferreira nasceu em Bucelas, no concelho de Loures, em 7 de Abril de 1917 e tinha portanto apenas 45 anos de idade quando faleceu em Díli, aos cinco minutos de 21 de Dezembro passado.

Iniciou a sua carreira de funcionário público por despacho ministerial de 14 de Fevereiro de 1938, sendo contratado para servir na Agência Geral das Colónias, donde transitou para o Gabinete do Ministro em 6 de Setembro de 1943. Tendo-se oferecido para servir em Timor, depois da ocupação japonesa, desembarcou em Díli em 22 de Setembro de 1946 como chefe de posto do quadro administrativo. Em Timor desempenhou as mais variadas funções, por vezes em acumulação de cargos, num trabalho extenuante a que dedicou todo o seu saber e esforço. Podemos referir alguns desses cargos: Secretário do Governador e Chefe da Repartição do Gabinete. Secretário do Conselho do Governo, secretário da delegação da Cruz Vermelha, administrador da Imprensa Nacional, secretário de circunscrição, administração do concelho de Díli, perito de dactilografia em provas de concurso público, vogal da Comissão de Compras da Repartição Central de Administração Civil, secretário-tesoureiro da Comissão Administrativa do Colégio-Liceu Dr. Vieira Machado, 2.º substituto do Delegado Procurador da República, 2.º substituto do Juiz de Direito da Comarca de Timor, tesoureiro do semanário «A Voz de Timor», secretário da comissão provincial do V Centenário do Infante D. Henrique, Administrador da Circunscrição de Manatuto, presidente do Júri de exames da 4.ª. classe, tendo falecido pouco tempo depois de assumir o cargo de chefe da secretaria distrital dos Serviços de Administração Civil.

Além destes cargos, foi nomeado para diversas comissões constituídas para variados fins e a toda a parte levava o seu entusiasmo e desejo de bem servir, conforme atestam os louvores que lhe foram tributados, dos quais transcrevemos dois que reflectem a estima e apreço em que era tido pelos seus superiores:

— Por Portaria de 7. 6. 50, do Governo de Timor, foi louvado porque, exercendo há três anos as funções de chefe da Repartição do Gabinete e Secretário do Governador, além de qualidades pessoais demonstradas, como inteligência, rara dedicação pelo serviço e lealdade inconcussa, tem vivido num regime de trabalho aturadíssimo, a que nunca se furtou sob qualquer pretexto e antes cumprindo com boa vontade e até entusiasmo; nunca olhou nem aos seus interesses pessoais, o que não é vulgar infelizmente nos tempos que correm, e que talvez tenham sido prejudicados por esse regime de trabalho, nem mesmo olhando aos seus interesses de saúde.

— Por ordem de Serviço n.º 8, de 14. 9. 53, da Administração do Concelho de Díli, foi louvado pela forma como vem desempenhando as suas funções, dando provas irrefutáveis de possuir muita competência e excepcional mérito, actuando sempre com decidida dedicação, zelo, método, muita sensatez e inteligência, nunca lhe faltando boa vontade e entusiasmo, aliando às suas grandes qualidades de trabalho, muita lealdade e muita honestidade, revelando-se, assim, um distinto e preciosíssimo colaborador do administrador.

O mais extraordinário, porém, é que Manuel Ferreira apesar do zelo com que desempenhava os seus deveres profissionais, conseguia ainda tempo, roubado ao seu descanso, para se dedicar às letras, onde a sua pena conquistou um lugar brilhante, tendo publicado as seguintes obras:

Viriato de Lacerda, Caderno Colonial n.º 59. Edições Cosmos, Lisboa.

Martins de Lima, Caderno Colonial nº. 68. Edições Cosmos. Lisboa.

Neutel de Abreu, Colecção Pelo Império, Agência Geral das Colónias.

Os três heroísmos, Livraria Latina Editora, Porto.

Índice da Revista O Mundo Português, editado pela mesma revista.

Índice da Colecção Pelo Império, Agência Geral das Colónias.

Timor — Orgulho de Portugal, separata do Boletim Geral do Ultramar.

O Doutor António Carvalho, separata dos Anais do Instituto de Medicina Tropical.

Efemérides de Timor, Boletim Diário «Informações».

Bibliografia de Timor, Boletim Salesiano «A Seara».

No Prelo

Alfredo de Lacerda Maia, na Imprensa Nacional de Timor (não chegou a rever).

Em preparação

Alferes Francisco Duarte «O Arbíru» (não chegou a concluir).

A sua grande actividade literária ficou porém arquivada em diversos jornais e revistas. Além de centenas de contos para a juventude que publicou em tantos jornais e revistas infantis, todos de cunho educativo e versando principalmente assuntos de história, colaborou ainda nos seguintes jornais e revistas:

O Mundo Português
Boletim Geral do Ultramar
Anais do Instituto de Medicina Tropical
Jornal da Mocidade Portuguesa
Seara. (Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli)
Diário de Manhã
Diário Popular
Defesa Nacional
Rádio Nacional
Jornal «Informações», de Timor
Sempre Pronto
Jornal «A Voz de Timor»

Proferiu ainda as seguintes conferências:

Sociedade de Geografia de Lisboa (sobre a exposição colonial de 1944).

Emissora Nacional (ciclo Defesa do Império) Duas, uma delas publicada.

Universidade Popular de Lisboa (sobre educação da Juventude).

Ateneu Comercial (sobre Timor) Publicada.

Bombeiros Voluntários de Bucelas (sobre Timor).

Sport Díli e Benfica (sobre Timor). Publicada.

Grupo Dramático OS COMBATENTES (sobre educação da juventude).

Juventude Evangélica Portuguesa (sobre Timor). Publicada.

Escoteiros Católicos das Mercês (sobre figuras históricas).

Associação Académica de Timor (sobre um herói de Timor). Publicada.

Sporting Clube de Timor, bem como duas teses sobre aldeamento e protecção à natureza em Timor, no Congresso realizado em Madagascar da Associação Científica dos Países do Oceano Índico. O «Século Ilustrado» publicou em Março de 1957 uma entrevista que lhe foi feita.

Esta rápida resenha das suas actividades dá uma ideia do valor e amor ao trabalho de Manuel Ferreira. Era um homem que sentia desejo de comunicação, e a quem nem mesmo as distâncias conseguiam separar dos seus amigos e dos órgãos de expressão do pensamento. Vivia para a cultura, para o estudo, era um investigador nato. Em Timor, lutando com a deficiência dos arquivos, muito deles perdidos em consequência da invasão japonesa, procurava seguir os passos dos heróis da obra colonizadora, divulgando páginas ignoradas da história local, tendo conseguido reconstituir um quadro quase perfeito de todos os Governadores da Província, corrigindo informações deficientemente publicadas em anos anteriores. Era essencialmente um escoteiro, um que afirmava com a sua vida exemplar que *uma vez escoteiro sempre escoteiro.*

O funeral de Manuel Ferreira constituiu sentida manifestação, tendo-se incorporado desde o Governador da Província até aos habitantes mais humildes, vendo-se centenas de pessoas de todas as categorias sociais.

Regras de Kraft na «Source»

Num simpático internato cristão de Lausana, na Suíça Romanda, usam-se as seguintes Regras do Dr. Carlos Kraft:

Se marchas, não corras;
Se falas, não grites;
Se te lavas, não enxarques;
Se te ris, não atordoes;
Se lês, não aborreças;
Se cantas, não arrastes;
Se apagas a luz, não empestes;
Se oras, não duvides.

Nota do tradutor: A referência ao apagar a luz tem hoje valor reduzido, pois é do tempo dos candeeiros de petróleo ou dos de acetilénio. Poderíamos substituir por: «Se brincas, não amues».

EDUARDO MOREIRA